



TEXTIL

ORGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

A LUTA DOS TÊXTEIS

Como se disse noutro lado, mais de mil operários têxteis da C.U.F. do Barreiro, juntamente com os seus com panheiros das outras fábricas da C.U.F., conquistaram quase por cento de aumento nos salários.

Também na fábrica de penitenciação de Lis, em Alhandra os operários têm ido à empresa pedir aumento de salários e estão dispostos a alargar a luta para os obter.

A fábrica Pimenta Machado, em Guimarães, esteve 8 dias parada, processando o patrão que pagaria esses dias aos operários. Mas tarde queria que os operários descontassem esses dias com horas extraordinárias. Os trabalhadores recusaram-se a pagar os teares e disseram que não trabalhavam mais do que as 8 horas. Por este motivo, o patrão forçou os operários a assinarem a semana de férias para descontar as horas. Alguns operários foram protestar ao sindicato, mas sómente a acção unida de todos poderá obrigar o patrão a cumprir o que prometeu.

A gerência da fábrica Valfar, em Vila do Conde, para satisfazer uma encomenda urgente, pretendeu impor aos operários duma secção, sem lhes dar conhecimento, o horário de trabalho de entrar às 7 horas e sair às 10.

Os operários, porque não reconheceram as horas extraordinárias da lei, pagaram-se da mesma moeda e sem darem conhecimento à gerência resolveram todos só pegar às 8 e despegar como de costume às 18. Por tal facto a gerência viu-se obrigada a tirar operários da outra secção e formar dois turnos.

Mais uma vez se prova que quando todos se unem, poderemos fazer vingar a nossa vontade e defender os nossos direitos.

A LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS REIVINDICAÇÃO DE TODOS OS TRABALHADORES

A luta por aumento de salários que correspondam ao actual custo de vida é o caminho que se apresenta a todos os trabalhadores. Foi esse o caminho seguido pelos trabalhadores da C.U.F. do Barreiro, Lisboa e outras localidades; pelos motoristas de Lisboa e outras regiões do país; pelos operários dos estaleiros de Viana do Castelo pelos conservadores pelo menos na região de Matosinhos e de muitas outras empresas espanholas pelo país, num total de cerca de 50 mil trabalhadores que, pela sua luta e com o apoio em alguns casos, das suas direcções sindicais, conseguiram nos últimos 3 meses aumentos de salários de 15 a 30%.

Seguindo o mesmo caminho, dezenas de milhares de outros trabalhadores, com o apoio de muitas das suas direcções sindicais reivindicando aumentos de salários. Isto sucede como aconteceu em Vila do Conde de cerca de 30 dirigentes sindicais do nosso Partido reuniram para discutir as reivindicações da classe; com os operários corticeiros, com os trabalhadores da Carris, de Lisboa e Porto com os empregados bancários, com os empregados de escritório e em dezenas de variadas empresas.

O jornal «O Têxtil» saíra todos os trabalhadores que pela sua luta já conquistaram aumentos de salários e todos os que lutam para os obter. O caminho da luta seguida por estas dezenas de milhares de trabalhadores deve servir de exemplo à classe têxtil.

O Governo de Salazar opõe-se aos aumentos de salários, para que os lucros dos grandes monopólios e tabuleiros, que o Governo defende e representa, possam continuar a aumentar de maneira escandalosa.

É POSSÍVEL AUMENTAR OS SALÁRIOS

Um congressista do Congresso da União Nacional citou um estudo do Dr. Manuel Jacinto Nunes, F. Pereira de Moura e L. M. Teixeira Pinto, pelo qual se prova que em 1950, do pro-

duto líquido de 14,2 milhões de contos das principais indústrias portuguesas, sómente cerca de 30% couberam à remuneração do trabalho enquanto 61%, absorveram o capital em juros, rendas e distribuição de lucros.

Este exemplo prova claramente que é possível aumentar os salários de todos os trabalhadores. E apesar do Governo e os monopólios se opõem a isso, a luta e a união dos trabalhadores podem arrancar melhores salários. As vitórias obtidas por cerca de 50.000 trabalhadores mostram que assim é.

LUTEMOS POR MELHORES SALÁRIOS

A luta por aumentos de salários está mobilizando e unindo os trabalhadores portugueses. A classe têxtil, uma das classes mais numerosas do país, das mais exploradas e com salários dos mais baixos não se pode desinteressar desta luta.

Os salários das operárias têxteis que são praticamente os mesmos que os dos homens há 10 anos, necessitam imediatamente de serem aumentados de acordo com o actual custo de vida. O actual contrato colectivo impõe-se a ser revisto, melhorando-o em todo um série de aspectos, desde a actualização dos salários, à proibição dos despedimentos sem justa causa, à situação dos despedidos, à remuneração do trabalho noturno, da concessão de períodos de aprendizagem, à situação dos portuários, da previdência, reforma e abono da velhice, etc.

De não validade e da nossa união depende o sucesso das nossas lutas reivindicatórias. Já decorrem há meses que os nossos sindicatos do Porto e Braga apresentaram ao Ministro das Corporações várias reivindicações. Por não dá resposta desses reivindicações foi solicitado ao Ministro e às direcções sindicais neste sentido e desta sobre o assunto.

Os nossos sindicatos só poderão defender as nossas pretensões se lutarem junto deles e as direcções sindicais só poderão interpretar o nosso vontade se realizarem a união e a solidariedade com a nossa classe. Cabe a todos nós trabalhadores e dirigentes sindicais, o dever de lutar mais arduamente por melhores salários e pela satisfação de outros das nossas reivindicações. Se seguirmos este caminho se vamos lutar com as direcções sindicais, exigido o cumprimento das promessas do Ministro das Corporações e a satisfação das reivindicações apresentadas pelas sindicais, avizemos o caminho à melhoria das nossas condições de vida.

Factos e Comentários

Um pequeno industrial têxtil de Guimarães, procurando fazer face à concorrência dos grandes tabuleiros, pensou pôr os operários a trabalhar com 2 teares, mas para não despedir ninguém, pediu autorização ao L.N.T. para pôr mais um turno. O L.N.T. não autorizou o novo turno, mas autoriza o industrial a passar os operários para 2 teares e a despedir os outros.

Como se vê, é o Governo que proíbe os despedimentos e levanta dificuldades aos pequenos industriais, mas aos dos grandes tabuleiros das «ligações» e outros não o Governo autoriza e levanta os juros e abonos que quiserem.

A NAÇÃO DESEJA UMA AMPLA AMNISTIA

Milhares de pessoas de muitas crenças políticas e religiosas (já não se lembra o apoio para uma ampla amnistia política para todos os presos, para todos aqueles a quem retiraram os seus direitos, que foram afastados dos seus lugares e foram desamovidos dos seus cargos ou do emprego).

Muita família está de joelhos a fazer a oração pedindo nos seus corações, em vez das suas palavras, os seus queridos. Há letras sem mais, há filhos que não conhecem os pais, há mulheres a dor provocada pela perseguição política. O nosso País, ao não se ter ainda recuperado do seu passado, perder pessoas e privilegiar o facto de terem ideias não é humano. Não é possível, não se pode fazer mais política para os que não se curam a cura do O.N.U.

Se a Nação não vier em condições e se não dá um ardentee contrito pelo seu estado.

Não há nenhum benefício para o país em se ver preso os seus filhos, filhos e ser assistida médica, mas alimentados sem carinho e conforto em sentir os seus filhos perseguidos e sempre ameaçados por serem leais e defenderem os seus interesses. É que grande o número de presos políticos portugueses quando chegar o dia se presos políticos, dia para todos os que cessarem viverem para o trabalho e para o seu país.

As milhares de vezes que pedem uma ampla amnistia representam os milhares de todos os presos, libertados da igreja (bispos de Avaro e Coimbra, e alguns padres) libertaram o sentimento quando quiserem o apoio, alguns deputados também o fizeram: operários, camponeses, militares, advogados, etc., muitos já saíram da via de todos os presos políticos. Também o importante jornal «República» apoiou, para o Presidente da República e o Governo, no seu artigo

de Junho de 19-1958, para uma ampla e total amnistia para os presos que estão em prisão política, que cede os direitos e quotas os perdidos a quem não quiserem a liberdade. Não queremos mais o retrato político do retrato, reconhecido os seus seus lugares, os retornados, depois que para o Colégio de Apontamentos desistamos durante muitos anos.

Mas apesar de ser esta a vontade de toda a Nação, o Governo prepara-se para evitar pressões políticas para o campo de concentração do Bão, em Angola, quando se libertarem o campo do povo civil estão franceses que o mantêm do campo do Tamarit. Tamarit é a palavra que ainda não há esquecido de memória do mundo e os seus mortos perseguidos e presos em todos os campos de concentração. Não queremos mais e vengem de termos campos de concentração. O Bão representa para todos o preso, a palavra e a morte! A vida dos presos políticos está ameaçada.

Franco, amigos e amigas da classe têxtil, imediatamente em alguma coisa para salvar a vida dos presos políticos! Ninguém deve ficar indiferente! Escrevam cartas às autoridades e aos representantes da igreja para que tal não suceda! Formem-se grupos para protestar contra este crime que o Governo prepara!

Que nenhum preso político saia do continente! Que todos os presos políticos sejam libertados! Que cessem as perseguições e se conceda uma ampla amnistia a todos os presos políticos do mundo! Esse é o desejo da Nação!

O GOVERNO ESTABELECEU PARA OS TÊXTEIS SALÁRIOS AINDA MAIS BAIXOS

Os jornais de 20 de Junho noticiaram uma revisão do contrato colectivo da indústria de sedas do Norte. Lá revisão, baseada nos salários vigentes em 1945, não trouxe qualquer benefício aos trabalhadores, pois os salários mínimos agora estabelecidos são, na maioria dos casos, inferiores aos que muitas empresas já pagam. Vejamos alguns exemplos.

As caselheiras que ganhavam 20000 no contrato estabelecido o salário de 20000; as revisoras ganhavam 20000 no contrato estipula 18500; as urdidadeiras 25000 e pelo contrato 25000; os filandeiros ganhavam 20000 e mais enquanto o contrato estabelece 27000, etc. etc.

Com tal revisão, o Governo apenas fez em vista proteger o grande patronato e legalizar uma mais exploração à classe têxtil, tornando possível a redução dos salários em lugar de os aumentar. Embora o contrato recomende que o patronato não pode diminuir os salários que a data do contrato se estiverem nos limites, a realidade é que o Governo permitiu despedir pessoal indigente me-

ter outro com salário mínimo.

Assim está a acontecer os Corridores da S^a da Hora e outras empresas, que aproveitando-se deste acordo e da lei que proíbe os turnos de noite para as mulheres, despede as operárias antigas e mette homens para o turno da noite a ganharem 24000, isto é, salários inferiores.

Mais uma vez se prova que entre as promessas do Ministério das Corporações e as realidades da vida há um verdadeiro abismo, pois o Governo defende tráficamente os interesses dos monopólios. Por outro lado, qual foi o objecto dos nossos sindicatos que acerraram com o descontentamento da classe, esta revisão que só prejudica e em nada beneficia os trabalhadores.

E nisso dever protestarmos junto dos sindicatos e do Governo contra esta revisão clamamos por um contrato colectivo que assegure efectivamente a melhoria das condições de vida de toda a classe têxtil, contrato a estabelecer com a participação directa de todos os têtexis.

MAIS UMA MORTE POR FALTA DE PROTECÇÃO NO TRABALHO

Na fábrica dos « Ingleses » já há tempo que alguns teces vizinhos, dando queques, tornam-se perigosos para as operárias. Como medida de segurança apenas um desses teces foi paralisado, substituído o mesmo perigo cessou. Houve confirmado com a morte de uma operária no dia 4 de Setembro, quando limpava as máquinas. Os responsáveis tentaram enganar os outros operários dizendo que fora morte natural causada por síncope, mas a realidade é que dois os operários sabem que ela morreu de electrocussão em resultado dum vício no choque eléctrico.

A página noticiã publicando no « Jornal de Notícias » no dia 2, é falsa ao dizer que foi logo examinada pelo medico da fábrica, pois este não estava lá. O único exame que a operária teve foi dum engenheiro, que revelando o mal disprezo pela vida humana disse ao verificar que estava morto: « MILHÈRES HA MILHÈRES ». Em vez de levantar imediatamente a inibição para o hospital, tiveram antes a preocupação em mudar-lhe a roupa e limpá-lhe os cabelos sem que de outro para não dar « maus aspectos ». Toda a preocupação estava apenas em livrar-se da responsabilidade que lhes cubia e meter mais uns contos no cofre dos patrões, para não os dar de indemnização a família da operária. É por que chegam

as ameaças de despedimento às operárias que civilizadas a verdadeiramente causa da morte. É por que o patronato procura tapar a boca da família estendendo toda a despesa do funeral e mandando companheiros da fábrica representar a empresa no funeral.

Que este exemplo e outros nos sirvam para nos alertar e exigir segurança no trabalho. A família deve exigir a indemnização do patronato, a que tem direito, pois a morte foi por acidente e não por morte natural como pretendem fazer crer.

AMIGOS DE « O TÊXTEIL »

« O Têxtil » é a voz de todos nós, operários da classe têxtil. Depende de nós conseguir a sua publicação regular. Isto será possível se todos ajudarmos « O Têxtil », assegurando a distribuição e o pagamento de todas as jornadas. Se todos procurarmos criar grupos que deem contribuições especiais, ofertas diversas e organizarem iniciativas para angariar fundos.

Publicamos a seguir as ofertas especiais que recebemos.

Avante na luta.....	7830
Duas teceduras.....	2300
123 Têxtil.....	1500
Idem.....	9520
Um Amigo.....	2870
Unidade de todos.....	5200
	32570

a voz dos leitores

Exemplo de Unidade para a classe Têxtil

Um Agosto, 10 operários têtexis

Nos últimos fabricas juntaram-se para discutir a crise em que a classe se encontra. O primeiro operário que falou disse o seguinte: eu e outros colegas trabalhamos desde 1930 no turno de noite e só há pouco tempo é que sabemos que os operários em turnos fixos de noite tinham direito a receber mais 50%. Alguns operários discutiram o assunto e resolveram recolher assinaturas e dinheiro e foram ao sindicato e I.N.T. reclamar os seus direitos. No sindicato e no I.N.T. foram bem recebidos e ficaram com a resolução de que tudo camuflava bem para o nosso lado, mas no fim das 4 a 5 vezes que lá foram, verificaram que nada tinha adiantado e que tudo não passava de promessas. Mais uma vez vimos que desde o Sindicato ao Ministério das Corporações só atendem as nossas reivindicações quando todos os operários lutam unidos.

Vários operários salientaram que estavam dispostos a lutar pelos 50% e defendiam que os operários da região se deviam juntar todos os meses para discutir os seus problemas em conjunto, porque só assim se pode conseguir a unidade da classe e melhorar a nossa situação. Um outro operário informou que noutra fabrica estavam a trabalhar com 2 turnos mas a gerência quando soube que os operários de duas fabricas lutavam pelo direito aos 50%, acabaram com o turno fixo de noite e passaram os operários a trabalhar 15 dias de noite e 15 de dia, com modo que existissem também os 50%, no turno da noite.

Outros operários disseram que o salário não chegava para nada e não está de acordo com o custo de vida. Além disso, o patronato por tudo e por nada aplacamos muitos, milhas de milhões recusando a pagar-las, mas isto não resolve a situação enquanto não for a maioria dos operários a lutar para que não se esta explorado.

Outro operário disse que para se fazer a unidade da classe nos devemos concentrar no sindicato, que não devíamos ter medo, temos que melhorar a nossa situação porque não há a possibilidade.

Nós, os operários, entendemos na miséria, os patrões desgraciação, por qualquer coisa, os generos, as roupas, a renda de casa, etc., esta tudo por um preço que os nossos salários não dão para nada.

Não podemos estar os nossos 5.000, não nos dá alimentação adequada, não nos dá educação e saúde. As nossas famílias vivem em paços de outros tempos, vir-

te este caso no nosso país, milhares de famílias não estão a sua frente a uma grande parte dos seus salários, pois os seus salários são muito superiores aos outros porque os outros recebem os seus salários. Portanto não temos que nos queixar a exemplo dos outros pois já preciso a nossa unidade, e com os nossos colegas. Isto muitos em nós temos medo de lutar, porque podemos ser despedidos nos nós não vimos ainda que não vamos da nós pode lutar que tem recebido gratificações muito maiores do que os trabalhadores para os pequenos salários. Com os nossos colegas, temos os nossos factores os factores de nós grandes impostos e a crise. Portanto, mais não há mais a não ser a luta. Temos alguns medos que foram aplicados por todos.

Um outro operário que trabalhou no turno do noite recebeu os 50% a que tinha direito.

Um outro operário ao sindicato sempre que não poderia para discutir os seus problemas e reivindicações.

Um outro operário para os seus problemas sindicais e para só conseguir a discutir entre todos os operários o quanto está a nossa realidade. Portanto é necessário sempre todos lutarmos.

Um outro operário o papel que o « Têxtil » desempenha no movimento de toda a classe têxtil, porque a importância do « Têxtil » para a classe quando está a lutar por todos os dias, com o modo de não se unir, e que todo a classe o « Têxtil » não é um instrumento a qualquer preço de todos.

VERDADEIRO

Mais um operário que luta e vence

Um operário teve coragem a trabalhar no Fim de Junho e 6 de Julho de 1954 esse a hora só o trabalho de 10 horas de férias estadas a fábrica do Têxtil em Agaduz.

O operário era obrigado a trabalhar para além das suas horas de 8 horas no dia de seu descanso, era obrigado a trabalhar com o mesmo salário de 18000 milrões. O operário recebeu o seu salário e pagou-lhe a trabalhar nas seguintes. No principio de 1955 o patrão despediu esse operário e deu-lhe o dinheiro. O operário lutou até chegar a ponto a pagar-lhe a sua indemnização.

Um Têxtil

Us Manuais

Há cerca de meio século a operação de lavar manuais era para o trabalhador um acto cansativo, que implicava o trabalho que tinha grande das suas obras concluídas, mesmo a classe mais indigente.

Havia a trabalhar com os manuais, isso devido à sua experiência de trabalhar e ao progresso de lavar manuais. Hoje, a realidade que os manuais industriais estão a melhorar a indústria dos teces, manuais, não são mais a mesma coisa. Os manuais que se fazem no dia a dia são actualmente muito. Assim há pouco tempo se trabalhava com o manua de tecer os teces, mas não mais trabalhavam operários todos industriais, por isso devido à sua experiência de lavar manuais e ao rendimento desejado.